

UM OLHAR SOBRE O CONCRETISMO CEARENSE: A POESIA DE HORÁCIO DÍDIMO

Kedma Damasceno

Resumo: O movimento nacional de poesia concreta brasileira não ficou localizado apenas no Sudeste, considerado centro econômico e cultural do país, principalmente nos anos 1950, mas chegou também a lugares mais distantes, como ao Ceará. Haroldo de Campos, em seu texto “Contexto de uma vanguarda” (1960), refere-se a isso e menciona que no estado já haviam acontecido duas Mostras de Arte Concreta (1957 e 1959). O poeta Horácio Dídimo (1935-2018) foi um dos participantes da segunda mostra, realizada no IBEU, em Fortaleza. No presente trabalho, pretende-se abordar um pouco da produção concretista do autor a partir de seu livro *A palavra e a PALAVRA* ([1980] 2002), que é uma compilação de três obras anteriores: *Tempo de Chuva* (1967), *Tijolo de Barro* (1968) e *Passarinho Carrancudo* (1980). Poemas como “a fumaça”, “luz azul” e “necessidade” exemplificam bem a experimentação do poeta no âmbito da poesia visual. O livro é composto majoritariamente por poemas sucintos e de versos livres, contudo os que apresentam o viés concretista – principalmente por meio da disposição das palavras no branco da página de modo a constituir uma sugestão imagética – podem ser considerados bem realizados e interessantes para se refletir sobre a contribuição dos cearenses ao concretismo. Outra questão significativa e particular da vertente cearense e da obra de Dídimo é o caráter religioso presente na obra, visto que, abaixo de cada poema, o autor acrescenta uma passagem bíblica, de modo a complementar ou a dialogar com o sentido do primeiro. Essa particularidade já fica explícita no título, pois a “palavra” em minúsculo significa a palavra do homem e a “PALAVRA” em maiúsculo corresponde à palavra de Deus. Horácio Dídimo não segue se empenhando nas composições concretistas e passa a transitar livremente por outras formas, inclusive pelo soneto, porém é inegável que algumas marcas do Concretismo prevalecem nas obras posteriores, como o jogo com as palavras e o caráter sintético das composições.

Palavras-chave: vanguarda; poesia concreta; concretismo cearense; Horácio Dídimo; *A palavra e a PALAVRA*.

Abstract: The national movement of Brazilian concrete poetry was not located only in the Southeast, considered the economic and cultural center of the country, especially in the 1950s, but also arrived at more distant places, such as Ceará. Haroldo de Campos, in his text “Contexto de uma vanguarda” (1960), refers to this and mentions that two Concrete Art Exhibitions had already taken place in the state (1957 and 1959). The poet Horácio Dídimo (1935-2018) was one of the participants in the second exhibition, held at IBEU, in Fortaleza. In the present work, we intend to approach a little of the author's concrete production from his book *A Palavra e a PALAVRA* ([1980] 2002), which is a compilation of three previous works: *Tempo de Chuva* (1967), *Tijolo de Barro* (1968) and *Passarinho Carrancudo* (1980). Poems such as “a fumaça”, “luz azul” and “necessidade” exemplify well the poet's experimentation in the field of visual

poetry. The book is mostly composed of succinct poems and free verses, however, those that present a concretist bias - mainly through the arrangement of the words on the white of the page in order to constitute an imagery suggestion - can be considered well done and interesting to reflect on. about the contribution of Ceará artists to Concretism. Another significant and particular issue of the Ceará strand and of Didymo's work is the religious character present in the work, since, below each poem, the author adds a biblical passage, in order to complement or dialogue with the meaning of the first. This particularity is already explicit in the title, because the "word" in lower case means the word of man and the "WORD" in capital letters corresponds to the word of God. Horácio Dídimo does not continue to commit himself to Concretist compositions and starts to move freely through other forms, including the sonnet, but it is undeniable that some marks of Concretism prevail in later works, such as the play with words and the synthetic character of the compositions.

Key-words: avant-garde; concrete poetry; concretism from Ceará; Horácio Dídimo; *A palavra e a PALAVRA*.

1. O concretismo para além do centro

Entenda-se "centro" como uma referência principalmente a São Paulo e ao Rio de Janeiro, estados da região Sudeste que nos anos 1950 possuíam certa "hegemonia" não apenas econômica, mas também cultural em relação aos outros estados da federação. O movimento de poesia concreta brasileira teve seu advento nesse período por meio do trabalho de três jovens poetas: Décio Pignatari (1927-2012), Haroldo de Campos (1929-2003) e Augusto de Campos (1931), que formaram o grupo "Noigandres"¹. O trio passou a coordenar a publicação de uma revista com o mesmo nome, tendo por objetivo a divulgação de seus poemas e de suas ideias de ruptura. Ao todo foram cinco edições da revista (1952, 1955, 1956, 1958, 1962), contando a partir do número 3 com a participação do poeta Ronaldo Azeredo e, no último número, na antologia *Noigandres 5*, também com a colaboração de José Lino Grünewald.

Dessa forma, por meio do empenho dos três poetas paulistas e de outros que a eles se juntaram inicialmente, tanto de São Paulo quanto do Rio de Janeiro, como Ferreira Gullar, Reynaldo Jardim e Oliveira Bastos, é possível afirmar que, indubitavelmente, a região Sudeste se constituiu como o centro do movimento de poesia concreta. Em meados do século XX, a cidade de São Paulo vivia uma grande

¹ "A enigmática palavra 'noigandres' foi tomada do poeta provençal Arnaut Daniel e remete a uma passagem dos Cantares de Ezra Pound. [...] 'Afugentar o tédio' é uma das possíveis soluções para a interpretação semântica dessa palavra." (AGUILAR, 2005, p. 72).

efervescência: “Criação do Museu de Arte de São Paulo (MASP – 1947), do Museu de Arte Moderna (MAM – 1948), do Clube dos Artistas, do Clube de Poesia, do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)” (DANTAS; SIMON, 1982, p. 4). Com isso, em São Paulo e também no Rio, a nova vanguarda poética encontrou *a priori* o espaço adequado para buscar se estabelecer. O lançamento oficial da Arte Concreta brasileira ocorreu em dezembro de 1956 no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo e em fevereiro do ano seguinte foi levada ao Rio de Janeiro, sendo realizada no saguão do Ministério da Educação e Cultura. (SÁ, 1977, p. 15).

Contudo, o movimento não ficou restrito a estes estados, visto que chegou a outros lugares mais distantes, como ao Ceará. O presente trabalho tem por objetivo apresentar um pouco da atuação do concretismo no estado por meio da apreciação de alguns poemas visuais presentes na obra *A palavra e a PALAVRA*, do poeta cearense Horácio Dídimo. Faz-se necessário ressaltar que o movimento ocorreu principalmente na capital Fortaleza, pois como afirma Antônio Girão Barroso em seu texto “A poesia concreta no Ceará”: “Aqui, como alhures, foi um movimento tipicamente de cidade grande (Fortaleza), com praticamente nenhuma penetração no interior.” (BARROSO, 1977, p. 31). Certamente, a capital cearense nos anos 1950 não era tão desenvolvida como São Paulo, todavia já apresentava certo crescimento urbano, busca por industrialização e, cada vez mais, anseio pelo moderno, o que de certa forma justifica a adesão de alguns artistas cearenses ao concretismo.

Em seu texto “Contexto de uma vanguarda”, escrito em 1960 para ser a introdução de uma antologia de poemas do grupo concreto de Fortaleza, que não chegou a ser publicada, Haroldo de Campos enfatiza e elogia o movimento no estado:

Falar-se de um movimento concreto no Ceará é rejubilar-se na verificação de que num dos (geograficamente) menores estados brasileiros, nessa moderna capital nordestina que é Fortaleza, é possível viver-se com a informação adequada. Fortaleza, já em 1957, teve sua primeira exposição de poesia concreta, no “Clube do Advogado” local; em fevereiro de 1959, a segunda no IBEU. Foi a primeira capital brasileira, depois dos grandes centros São Paulo e Rio de Janeiro, a contribuir positivamente, com ideias e criações, para o movimento concreto. Suas manifestações são anteriores, por exemplo, à primeira mostra de poesia concreta austríaca, que ocorreu

na “Galeria Würthle” de Viena, em 1959; anteriores suas publicações ao primeiro número da revista *nota* de Munique, julho de 1959, um dos principais veículos da poesia de vanguarda na Alemanha. (CAMPOS, 1987, p. 155)

Assim, recebendo o reconhecimento de um dos principais nomes do concretismo nacional, é possível afirmar que o movimento no estado teve sua repercussão e que deixou suas contribuições. As novas ideias chegaram aos artistas cearenses por meio do poeta e ficcionista José Alcides Pinto (1923-2008) que, no período do lançamento nacional da arte concreta, residia no Rio de Janeiro e pôde entrar em contato com a teoria concretista para depois compartilhar com os conterrâneos que viessem a se interessar.

Houve adesão por parte de alguns artistas locais, tanto que realizaram duas mostras de arte concreta em um intervalo de dois anos, como mencionou Haroldo de Campos. É importante ressaltar que a primeira exposição aconteceu menos de um ano depois do lançamento oficial do movimento concretista brasileiro em São Paulo, e que as duas mostras contaram com a participação não apenas de poetas, mas também de pintores, desenhistas e artistas plásticos que se identificavam com as ideias e com a forma concretista.

A primeira exposição contou com trabalhos de Antônio Girão Barroso (o poema “ó duquesa”, dito “quase concreto”), José Alcides Pinto (6 poemas e 2 desenhos), Pedro Henrique Saraiva Leão (2 poemas, sendo um deles “lucialindaluciabela”), Estrigas (Nilo Firmeza: 2 guaches), Goebel Weyne (2 desenhos), J. Figueiredo (6 desenhos), Zenon Barreto (1 desenho) e Liberal de Castro (3 desenhos). (BARROSO, 1977, p. 35).

Desses, somente o pintor J. Figueiredo não era cearense. Ele nasceu em São Luís do Maranhão e em 1956 transferiu-se para Fortaleza. Antônio Girão Barroso, na sequência de seu texto, fornece informações sobre a segunda exposição:

A segunda mostra reuniria alguns participantes da primeira (Antônio Girão Barroso, José Alcides Pinto, Pedro Henrique Saraiva Leão, J. Figueiredo e Goebel Weyne) e mais, do Ceará, Horácio Dídimo e os irmãos Eusélio e Eudes Oliveira. [...] Como contribuições de fora a essa segunda mostra incluíam-se poemas de Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari e Ronaldo de Azeredo, de São

Paulo, Alberto Amêndola Heinzl, de Campinas, José Chagas e Deo Silva, do Maranhão, e Ivo Barroso, do Rio de Janeiro. (BARROSO, 1977, p. 36-37).

Como o próprio Barroso afirma, semelhante a anterior, foi “uma mostra não muito grande” (1977, p. 37), porém as duas foram significativas para demonstrar que houve adesão ao concretismo em terras alencarinhas. O poeta Horácio Dídimo, autor da obra que iremos abordar neste artigo, participou apenas da segunda mostra, mas legou contribuições importantes ao concretismo cearense e ao nacional como um todo.

2. Sobre o poeta Horácio Dídimo (1935-2018)

Horácio Dídimo em estudo (2018), organizado por Cintya Kelly Barroso Oliveira, Fernanda Maria Diniz da Silva e Francisco Wellington Rodrigues Lima, é um livro composto por quinze textos que circundam e mapeiam a obra do autor, direcionando os leitores a contemplarem os diferentes voos que o poeta empreende por meio de sua escrita. No prefácio, intitulado “Horácio Dídimo, muito longe do chão”, Manoel Ricardo de Lima menciona a versatilidade da escrita de Dídimo, que se traduz nas diferentes temáticas abordadas pelos autores dos textos:

Da ideia de infância/infantil a um *non sense* do “para a infância”, da formação do leitor ao imenso mundo de Monteiro Lobato e suas tramas, dos enigmas da conversão e da fé até os desaprumos do tempo, da morte, da palavra, dos impasses da tradição da poesia até o Concretismo, depois o epigrama recriado, da intertextualidade às historinhas desmedidas, da animalidade às estruturas sincréticas, do relato de um encontro com algumas crianças até a ironia, a religiosidade, a esperança. (LIMA, 2018, p. 9).

Note-se que fica nítida a heterogeneidade da escrita do autor, por meio da apresentação de Lima. A participação de Dídimo no concretismo, portanto, faz parte dessa rica heterogeneidade que o levou a enfrentar os “impasses da tradição” poética se aventurando por novas formas. Aos 83 anos, no dia 02 de setembro de 2018, o poeta partiu deixando saudades aos familiares, amigos e admiradores. Poucos dias antes havia participado do lançamento desta compilação de estudos sobre sua obra.

Foi uma última, bonita e necessária homenagem. É muito verossímil e ao mesmo tempo poética a maneira como Lima define o poeta ainda em seu prefácio:

[...] o silêncio e o passo lento, a voz baixa, o riso elegante e torto daqueles que só são capazes de rir assim porque já percebem e incorporam que a vida não passa de algumas perguntas embaraçadas – “para/ onde vai/ o tempo?” ou “de quem é a terra?” –, esboçam o desenho de uma rarefação incomum. Mais forte, essa rarefação das linhas desenhadas por Horácio, nos indicam que no fim disso tudo não há resposta alguma, apenas “hipótese”, como esbravejou a boneca Emília, sua personagem favorita, ao sabugo Visconde. (LIMA, 2018, p. 7-8).

Quem teve o privilégio de ser seu aluno no curso de Letras na Universidade Federal do Ceará ou de ao menos tê-lo ouvido proferir alguma de suas palestras – como foi o meu caso –, sem dúvida irá concordar com as caracterizações apontadas por Manoel Ricardo. A mansidão de Horácio torna-se perceptível em sua produção poética, embora algumas vezes essa mansidão também ceda lugar para um viés contestatário de denúncia social, o que imprime em seus poemas uma força singular, tornando-os atemporais e encantadores. Como o poema “a lâmina” transcrito a seguir, somente a título de exemplificação, presente em *Tempo de Chuva* (1967), primeiro livro do autor, publicado em pleno período da ditadura militar no Brasil.

a lâmina

cada dia que se passa

após

meticulosa

anestesia

local

a lâmina fria das circunstâncias

corta de leve

pequeninos sonhos

Dídimo nasceu em Fortaleza no dia 23 de março de 1935. Nessa data, passou-se a comemorar o “Dia da Literatura Infantil no Ceará”, em cumprimento à Lei Estadual 16.916, de 27/06/2019, proposta pelo deputado Renato Roseno, como uma forma de homenagear o poeta pela contribuição que prestou à disciplina no estado. Carla Pereira de Castro, em seu texto “A intertextualidade presente na obra *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo* de Horácio Dídimo”, relembra que “Através da iniciativa de Horácio Dídimo foi criada a disciplina de ‘Literatura Infantil’, na UFC, na época a disciplina já era ministrada em outras universidades brasileiras.” (CASTRO, 2018, p. 46). De fato, por meio do empenho do professor Horácio Dídimo, em 1987, foi implementada disciplina de literatura infantil na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará. (LEÃO; SALES, 2020, p. 5).

Formou-se em direito (UERJ) e em Letras (UFC), fez mestrado em Literatura Brasileira (UFPB) e doutorado em Literatura Comparada (UFMG). Foi membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense da Língua Portuguesa, da Academia de Letras e Artes do Nordeste, da Academia Brasileira de Hagiologia, da Academia de Ciências Sociais do Ceará, da Associação Brasileira de Bibliófilos, sócio honorário da Academia Fortalezense de Letras e sócio correspondente da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris (Salvador-Bahia). Era membro da Comunidade Católica Face de Cristo. Sua tese de doutorado intitulou-se *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*, o que já demonstrava a aproximação do autor com as temáticas da literatura infantil. Contudo, apesar da sua forte contribuição para essa vertente, o que interessa verificar por meio do presente artigo é como se deu a realização do seu viés concretista. É válido observar que, mesmo sendo um acadêmico e professor universitário, não se prendia às tradições. Suas experimentações concretistas demonstram bem isso.

3. Sobre a obra *A palavra e a PALAVRA* (2002)

Para uma breve análise acerca de algumas das experimentações concretistas realizadas pelo poeta, toma-se como base a terceira edição de sua obra *A palavra e a PALAVRA* ([1980] 2002), que é uma compilação de três dos seus livros iniciais: *Tempo de Chuva* (1967), *Tijolo de Barro* (1968) e *Passarinho Carrancudo* (1980). Ao todo, são

148 pequenos poemas, subdivididos em três partes que levam os mesmos nomes das obras. A maioria das composições apresenta um caráter suscito, predominando os versos livres. Os que caracterizam sua vertente concretista contabilizam 6 poemas, são eles: “a fumaça”, “luz azul”, “necessidade”, “o emparedado”, “as cordas do coração” e “tempo forte”. Destes, serão apresentados os três primeiros.

Antes da análise dos poemas, faz-se necessário destacar que um diferencial significativo na obra é o acréscimo de uma passagem bíblica abaixo de cada composição poética. Na apresentação do livro, intitulada “A mensagem de um poeta místico”, o P.e F. Sadoc de Araújo emite suas considerações sobre a obra, destacando o forte caráter místico-cristão que está impresso em cada poema. O próprio título da obra reflete esse caráter místico, pois “A Palavra, em maiúscula, é o Verbo de Deus que se fez carne e habitou entre nós. A palavra, em minúscula, é a linguagem humana que se faz poesia e oração para habitar entre os santos” (ARAÚJO, 2002, p.13).

P.e F. Sadoc de Araújo afirma mais sobre o poeta e suas composições:

Horácio Dídimo realiza em si a definição de poeta como um ser em relação privilegiada com o sagrado e o transcendente. Seus poemas, com marcada tendência para o concretismo e indisfarçável inclinação para o surrealismo, nascem espontaneamente no limite entre a palavra e o silêncio, região fronteira entre a presença do ser, que plenifica a inteligência e o coração, e a sua ausência que matiza de saudade e de mistério os mais íntimos recônditos das emoções humanas. (ARAÚJO, 2002, p. 13).

Esse limite entre a palavra e o silêncio, tão bem representado pelo branco da página, constitui um aspecto bastante significativo para a poesia concreta, uma vez que a palavra, nesse tipo de poesia, ganha ares de objeto, dispensando a rima, a métrica e a relação sintática entre os termos. Logo, algumas vezes, uma única palavra ou duas, a partir da sua disposição gráfica e visual impressa no branco do papel, podem proporcionar as mais diversas significações. É o que acontece com os poemas “a fumaça”, “luz azul” e “necessidade”, como se verá a seguir.

a fumaça

cigarro

cigarr

cigar

ciga

cig

ci

c

cinza

sarro

O HOMEM NÃO É SENHOR DO SEU SOPRO DE VIDA,
NEM É CAPAZ DE O CONSERVAR.

(Ecl 8,8)

Visualmente, já se nota no poema uma forte inclinação para a composição concretista, visto que é possível verificar a decomposição da palavra “cigarro”. Esta vai perdendo seus fonemas finais a partir do segundo verso até restar apenas “cinza” e “sarro”.

O poema constitui-se de dois discursos diferentes, mas que se complementam: o discurso poético e o místico-religioso. O primeiro, o da poesia concreta, é voltado para o caráter visual, de modo a nos remeter facilmente ao texto tipográfico, que visa dar ordem e forma estrutural à comunicação escrita para que haja em seu *layout* final uma correspondência apropriada ao conteúdo abordado. No poema “a fumaça”, o enunciador parece tentar convencer o enunciatário, como em uma campanha publicitária, de que o hábito de fumar, representado pela palavra cigarro, pode ser altamente prejudicial. Ele busca esse intento representando a degradação do objeto

de consumo (cigarro), que por sua vez, pode ser o responsável pela degradação da saúde do consumidor ou destinatário. O próprio título do poema, a fumaça, assim como as palavras finais, cinza e sarro, remete a algo que é perecível, impalpável e efêmero, como a própria vida humana.

No que se refere ao segundo discurso, o místico-religioso, percebe-se que o versículo bíblico foi retirado do livro de Eclesiastes, que tem como autor o Rei Salomão, filho de Davi e tido como o homem mais sábio das escrituras. Salomão escreveu o livro durante a velhice e refletiu sobre suas experiências, tirando delas algumas lições, como o reconhecimento de que “tudo é vaidade”, de que a sabedoria tem suas limitações, e de que o homem é totalmente dependente de Deus. Logo, ocorre um interessante diálogo entre os dois discursos, visto que a retirada dos fonemas da palavra cigarro, verso após verso, representa bem a efemeridade da vida. O desfecho nas palavras cinza e sarro, principalmente na primeira, também remete à morte, ou seja, à transformação da matéria humana em cinzas, em pó, em nada.

Veja-se o segundo exemplo:

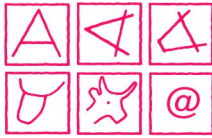
```

      l l l
      u u u
      z z z

l u z          z u l
l u z    a    z u l
l u z          z u l

      z z z
      u u u
      l l l

```



EU VIM COMO LUZ AO MUNDO,
ASSIM TODO AQUELE QUE CRER EM MIM
NÃO FICARÁ NAS TREVAS.

(Jo 12,46)

Neste poema, intitulado “luz azul”, utilizando-se apenas de dois vocábulos (luz e azul), o poeta dispõe fisiognomicamente as palavras no formato de uma cruz, – símbolo máximo do cristianismo – colocando a letra “a” no centro, de modo que estas palavras formam o sintagma “luz azul” em qualquer sentido que se leia. É possível inferir ainda a forma do poema à semelhança de uma luz que se dissipa, espalhando uniformemente os seus raios, oriundos de um centro comum.

A passagem bíblica, retirada do evangelho de João, ratifica ainda mais as referidas possíveis leituras do poema visual, visto que o próprio Cristo afirma que veio ao mundo como “luz” para retirar das “trevas” todo aquele que nele crê. Tanto o poema visual quanto a passagem bíblica transmitem com mais ênfase uma mensagem de esperança, diferentemente do exemplo anterior que apresenta um tom menos otimista.

Para concluir, tem-se o seguinte poema:

necessidade

```

n  c e s s i  a d e
n e c  s s i d  d e
  e c e  i d a d e
n  c  s s i d a d
n e c e s  d a e
  e c e s s i d a d
n  e s  i d  e
n e c e s s i d a d
n  c  s s i  a  e
n e  e s s i d  d e
n e c e  s  d a d e

```

PORQUE RAZÃO CALCAIS AOS PÉS O MEU POVO,
E MALTRATAIS A FACE DOS POBRES?

(Is 3,15)

Este também se constitui como um poema bastante característico do concretismo. A ausência alternada de letras nas palavras “necessidade” sugere a sensação de falta, de incompletude, de ausência, de necessidade. Pode-se afirmar que é um poema concreto bem construído porque nele identificam-se certos procedimentos concretistas como a representação gráfica de uma ideia abstrata, o apelo visual e obediência à técnica sintético-ideográfica de compor, ao contrário da analítica-discursiva.

Na passagem bíblica, o profeta Isaías emite a mensagem que Deus havia enviado aos poderosos de Jerusalém e de Judá que vinham subjugando o povo. Ou seja, remete às necessidades pelas quais aquelas pessoas passavam, à exploração dos mais pobres pelos mais ricos e ao questionamento de Deus diante daquela circunstância. O poema visual, portanto, traduz, por meio da retirada dos fonemas, essa incompletude resultante da exploração do outro, principalmente em nível social e coletivo. Algo que, infelizmente, perpetua-se até hoje.

Considerações finais

No presente artigo, buscou-se apresentar um pouco acerca da participação dos artistas cearenses na vanguarda concretista dos anos 1950. Para isso, mencionou-se as duas mostras de arte concreta ocorridas em Fortaleza, bem como o reconhecimento de Haroldo de Campos quanto à participação dos artistas cearenses.

Depois de participar da segunda mostra de arte concreta ocorrida no Ceará em 1959, o poeta Horácio Dídimo publicava seus poemas em jornais locais como no *Unitário*. Viu-se que sua primeira publicação em livro foi com *Tempo de Chuva*, em 1967, obra que faz parte da compilação que compõe o livro *A palavra e a PALAVRA*. O caráter místico-religioso da obra fica patente por meio das inserções de passagens bíblicas que dialogam com os poemas. Para demonstrar o viés concretista do poeta, foram analisados três dos seis poemas visuais que estão presentes no livro: “a fumaça”, “luz azul” e “necessidade”.

Os poemas podem ser considerados bem realizados segundo os preceitos concretistas, contudo nitidamente diferem das composições dos concretistas mais ortodoxos de São Paulo, visto que estes demonstravam um maior rigor formal em suas composições. Os poemas de Horácio Dídimo não deixam de transmitir certa singeleza, característica marcante até mesmo da própria pessoa do autor, como bem destacou Manoel Ricardo de Lima.

Sua escrita heterogênea, muito centrada principalmente na literatura infantil, indubitavelmente deixou contribuições valiosas para a poesia concreta. Embora sua participação no concretismo pareça ter sido apenas um exercício experimental, visto que não se empenhou em dar continuidade ou mesmo em aprimorar suas composições, as marcas do movimento, como o caráter suscito, permaneceram em sua poética. Em 1991, com o livro *A Nave de Prata: Livro de Sonetos & Quadro Verde - Poemas Visuais*, mais uma vez publica poemas de caráter visual, dessa vez acompanhados por sonetos, nada mais livre e heterogêneo do que colocar lado a lado uma forma moderna e outra tradicional. Esta foi a contribuição de Horácio Dídimo, um concretismo a cearense, sem maiores responsabilidades ou obrigações, mas que soma bastante ao todo do concretismo nacional.

Referências bibliográficas

- AGUILAR, Gonzalo. *Poesia Concreta Brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: Edusp, 2005.
- ARAÚJO, P.e F. Sadoc de. "A mensagem de um poeta místico". In: DÍDIMO, Horácio. *A palavra e a PALAVRA*. 3ª ed. Fortaleza: Editora UFC, 2002. p. 13-18.
- BARROSO, Antônio Girão. "A Poesia Concreta no Ceará". In: *Revista de Cultura Vozes*. N.1 / 1977 / Ano 71. p. 31-38.
- CAMPOS, Haroldo de. "Contexto de uma vanguarda". In: CAMPOS, A.; CAMPOS, H.; PIGNATARI, D. *Teoria da Poesia Concreta: Textos críticos e Manifestos (1950-1960)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª ed. p. 152-155, 1987.
- CASTRO, Carla Pereira de. "A intertextualidade presente na obra *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo* de Horácio Dídimo". In: OLIVEIRA, Cintya Kelly Barroso; SILVA, Fernanda Maria Diniz da; LIMA, Francisco Wellington Rodrigues (org.) *Horácio Dídimo em estudo*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018. p. 45-52.
- DANTAS, Vinícius; SIMON, Iumna Simon. *Poesia Concreta*. São Paulo: Abril Educação, 1982. (Literatura Comentada).



artigos | articles | artículos | artículos | papers

DÍDIMO, Horácio. *A Nave de Prata: Livro de Sonetos & Quadro Verde - Poemas Visuais*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1991.

LEÃO, Andréa Borges; SALES, Ana Cíntia Moreira. "A edição de literatura infantil em Fortaleza". In: *Revista Brasileira De História Da Educação*. 20(1), e118. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/51193>. Acesso em: 13. Abr. 2022.

LIMA, Manoel Ricardo de. "Horácio Dídimó, muito longe do chão". In: OLIVEIRA, Cintya Kelly Barroso; SILVA, Fernanda Maria Diniz da; LIMA, Francisco Wellington Rodrigues (org.) *Horácio Dídimó em estudo*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018. p. 7-11.

SÁ, Neide Dias de. "A I Exposição Nacional de Arte Concreta". In: *Revista de Cultura Vozes*. N.1 / 1977 / Ano 71. p.11-18.